

Situação pior do que em 1995

São Paulo — O juro real em vigor na economia é hoje maior do que aquele adotado em 1995, quando o governo fez a primeira puxada da taxa. Considerando a taxa do CDI-Over, o juro ao mês em março de 1995 foi fixado em 4,41%. “A inflação mensal era de 1,92% e o juro real, portanto, ficou em 2,44%”, explica o economista Odair Abate, do Lloyds Bank.

Na puxada do fim de outubro, a Taxa Básica do Banco Central (TBC) subiu para 3,05%, indicando um juro real de 2,79%, uma vez que a inflação do mês está projetada em pouco mais de 0,20%.

“O contexto atual é claramente diferente e esse juro real maior sobre uma economia já desaquecida torna a situação mais delicada”, pondera Abate. A alta de 1995, diz ele, era mais suportável justamente porque a economia vinha aquecida, a inflação era maior, havia um efeito redistributivo de renda ainda em vigor, o juro externo era maior e não havia eleição importante à vista.

BENEFÍCIOS

No início de 1995, pondera, os títulos do tesouro dos Estados Unidos tinham uma taxa anual de 7,45%. Hoje, estão em 6,13%. Juros maiores lá fora, tornam mais administráveis taxas internas também maiores, diz o economista do Lloyds. Com isso, diz, o quadro atual é muito diferente. “Os juros externos estão menores, não há mais os benefícios sociais do real, há eleições na porta, há setores reclamando do fraco crescimento e alguns dando férias coletivas”, relaciona.

Na avaliação dele, se as taxas atuais foram mantidas por três ou quatro meses, o crescimento de 1998, antes previsto em 4%, poderia cair pela metade.

Carlos Guzzo, do banco Pontual, também considera a situação atual mais complicada e avalia que os efeitos agora serão mais nocivos. “O Brasil mostrou vulnerabilidade e talvez um volume de reservas de US\$ 50 bilhões a US\$ 60 bilhões não seja suficiente para defender o real”, diz ele.

Por isso, a administração da taxa de juros será muito cuidadosa e o governo vai esperar sinais muitos bons antes de iniciar uma redução mais acentuada da mesma. O cenário externo, pondera, só complica a situação brasileira. O mercado asiático está e deve continuar muito especulativo, estima Guzzo.